

JONATHAN WOLPERT

canal

LIVRE DOS RÓTULOS

► A cantora Luísa Sonza lança o primeiro CD, “Pandora”, e fala sobre preconceito e as tentativas que sofreu de ser enquadrada: “Vieram falar que bastava ser casada com Whindersson Nunes”.

HOJE
COMPRE O EXTRA
E GANHE UMA
REVISTA DA
EDITORIA GLOBO

Exemplares anteriores da Marie Claire, Auto Esporte e Globo Rural, de acordo com a disponibilidade de estoque

A INVASÃO

Milícia domina uma cidade com o apoio de PMs

Em série de reportagens que começa hoje, EXTRA mostra a criação e a expansão do grupo que aterroriza Itaboraí. **PÁGINA 3**

Veja como ganhar dinheiro com desapego



Sites são um bom caminho para você faturar vendendo objetos pessoais usados. **PÁGINA 21**

VOCÊ PODE IR AO

Rock in Rio

DE PRIMEIRA CLASSE!

280

INGRESSOS

COMPRE O EXTRA, CADASTRE O CUPOM DA PÁGINA 2 E PARTICIPE!

JOGO / EXTRA

Entre o céu e o inferno

► No dia em que o Flamengo acerta com Filipe Luís, time de Jesus é hostilizado no embarque para São Paulo. Técnico foi cercado, e Diego bateu boca após ser xingado.

FOTOS DE REPRODUÇÃO

Leandro Castan marcou o primeiro

2A1
Vasco vence o 'freguês' Fluminense de virada em São Januário

O EXTRA JÁ PENSOU NO PRESENTE DO SEU PAI

Concorra a 5 Notebooks Samsung Expert X20

Recorte seu cupom na página 2

RODRIGO MELO/DEVELOPACAO

Retratos da Vida **PÁGINA 17**

A 'fase pegadora' de Luana

Bonsucesso: do abandono à novela das sete

PÁGINA 6

Padre Marcelo: 'Maria sempre passa na frente'

PÁGINA 4

Faltam médicos em 59 clínicas da família

PÁGINA 5

SUPERMERCADOS GUANABARA

Arraia do ofertão

Ofertas válidas de 21/07 a 23/07/2019, enquanto durarem nossos estoques. Não vendemos por atacado e reservamos-nos o direito de limitar por cliente a quantidade dos produtos vendidos. De acordo com essa promoção: 3 unidades/kg por produtos alimentícios e 2 unidades para produtos não alimentícios.

Produto	Preço
Amoroso Ovos Nobre 5kg	10,95
Apucar Guarani 1kg	1,99 cada
Leite em Pó Inst. Int. Aurora ou Piracanjuba Sachê 400g	7,99 cada
Óleo de Soja Leve ou Soya 900ml	2,97 cada
Ovos Tipo A Branco Dúzia	3,99 cada
Leite Condensado Moça Nestlé Lata 395g	3,99 cada
Queijo Muçarela Peça ou Pedacão (Exc. Fatiado) kg	14,99
File de Peito de Frango Sadia Pacote kg	9,98

A INVASÃO

TEXTO Rafael Soares **EDIÇÃO** Giampaolo Morgado Braga **DESIGN** William Batista

NASCE UMA MILÍCIA

Como milicianos se associaram a PMs do batalhão de Itaboraí para sequestrar a cidade

Por volta das 22h de 20 de janeiro deste ano, uma Pajero prata com cinco ocupantes entrou em alta velocidade no bairro Marambaia, área dominada pelo tráfico na divisa entre São Gonçalo e Itaboraí, na Região Metropolitana do Rio. Na frente, iam o motorista e o carona, com uma escopeta no colo. Três homens equipados com coletes à prova de balas se apertavam no banco de trás. Dois deles estavam encapuzados e armados com pistolas. O terceiro, com o rosto descoberto, portava um fuzil. O carro parou às 23h na frente de uma casa na Rua Igualdade. Três dos homens desembarcaram e executaram os três ocupantes do imóvel. Em seguida, a Pajero percorreu mais um quilômetro até uma barraca de lanches na Avenida Cabo José Rodrigues. Desta vez, só o motorista ficou no carro. Outros três homens foram mortos. Uma mulher — a dona do estabelecimento — foi colocada, ainda viva, na mala do carro. Metros adiante, ela seria executada com um tiro de escopeta no rosto.

A chacinã, descrita em detalhes por um ocupante do veículo à polícia, foi, ao mesmo tempo, a consumação de uma vingança e um recado. Os atiradores queriam punir os responsáveis pelo assassinato de Rodrigo Marques, um PM que morava na região e havia sido morto a tiros três dias antes. Nenhum dos mortos tinha ligação com o crime. Com a ação, entretanto, o grupo deixava claro quem mandava na região. No carro, havia três milicianos e, vestindo capuzes, dois cabos do batalhão da cidade, o 35º BPM. A partir da análise de processos judiciais e inquéritos ainda em curso, além de entrevistas com parentes de vítimas, policiais e moradores, o EXTRA mostra a partir de hoje, na série de reportagens "A invasão", como a milícia se associou à polícia para dominar Itaboraí.

A chegada da quadrilha à cidade remete — segundo a investigação do Ministério Público e da Divisão de Homicídios que culminou com a prisão de mais 40 pessoas no último dia 4 — ao início de 2018. Na época, um grupo de milicianos chefiado por Renato Nascimento Santos, o Renatinho Problema, saiu de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, rumo ao município. Foragido, Renatinho queria “recomeçar” a vida fora dos holofotes da polícia, num local em que sua atuação chamasse menos atenção.

O miliciano, então, com a benção de Orlando Oliveira de Araújo, o Orlando Curicica — chefe de um dos maiores grupos paramilitares do Rio — passou a arregimentar comparsas e armas. A tiracolo, Renatinho levou seu braço direito, o sargento Fábio de Souza Costa, o China. De serviço, ele batia ponto na UPP do Borel. Nas folgas, ajudava Renatinho a tomar o controle de sete bairros de Itaboraí, mais da metade da área urbanizada do município, onde vivem 240 mil pessoas.

A cidade era, então, majoritariamente dominada por uma facção do tráfico. Para acabar com o monopólio, os forasteiros tiveram ajuda de PMs que já viviam na região, como os soldados Luís Paulo Silva dos Santos e Antônio Cláudio Quintanilha Medeiros. O grupo implantou uma rotina de violência logo após sua chegada, assassinando rivais e moradores inocentes de áreas dominadas pelo tráfico. Policiais do 35º BPM passaram a colaborar com a milícia, em operações conjuntas contra o tráfico e até entregando criminosos presos para os paramilitares. A Polícia Civil estima em mais de cem o número de mortos pelo bando. Parte dos corpos começa a aparecer agora, enterrada em cemitérios clandestinos.

18 CORPOS

Em duas operações, a polícia encontrou ossadas de vítimas da milícia em cemitérios clandestinos

UM TERRITÓRIO DOMINADO

Em 2008, começaram as obras do Complexo Petroquímico do Rio (Comperj) em Itaboraí. A cidade vivia a expectativa da criação de milhares de empregos. Até hoje, as obras não terminaram e as promessas de melhorias não se cumpriram

A CHACINA

 BAIRROS ONDE
ACONTECEU A CHACINA



NÚMERO
DE VÍTIMAS

ITABORAÍ

- Ampliação

- Grania Cabucu

SÃO GONÇALO (DIVISA COM ITABORAÍ)

- R. Igualdade (Marambaia)

- R. Izolina Porto Lopes

- Av. Cabo José Rodrigues



QUATRO PMS JÁ PRESOS, CINCO INVESTIGADOS

► Graças a depoimentos de milicianos que resolveram colaborar com as investigações, a Polícia Civil conseguiu identificar nove PMs que fazem parte do grupo. Os soldados Cláudio Quintanilha e Luís Paulo dos Santos foram presos, no decorrer do inquérito, por execuções de traficantes. O cabo Thalisson Gomes de Oliveira, do 35º BPM, se entregou à polícia no último dia 4, após a Justiça expedir um mandado de prisão contra ele por participação na chacina de janeiro: ele foi identificado como um dos encapuzados. O outro PM que participou da matança também foi citado num depoimento que faz parte do processo judicial, mas não teve a prisão decretada.

Já o sargento Fábio China foi preso em casa, em Rio Bonito, durante a operação contra os milicianos. Segundo o relatório da investigação, o PM havia assumido a chefia do bando após trair Renatinho Problema. Um documento anexado ao inquérito revela que China informou o esconderijo do ex-chefe a agentes da 82ª DP (Maricá), que prenderam Renatinho em 18 de dezembro do ano passado.

Outros quatro PMs do batalhão de Itaboraí — dois soldados, um cabo e um sargento — são investigados após serem citados em depoimentos de milicianos como integrantes do bando. Uma gravação que faz parte do inquérito escancara a proximidade entre o 35º BPM e a milícia: “O batalhão tá fechado com ‘nós’”, diz um miliciano, num áudio de WhatsApp enviado a traficantes da região.

Em nota, a PM informou que há inquéritos abertos para investigar os policiais citados, mas todos correm em sigilo. ▲

AMANHÃ: POLICIAIS GANHAVAM PRÊMIOS POR AJUDAR A MILÍCIA

EXTRA

PRIMEIRA EDIÇÃO
RIO DE JANEIRO
SEGUNDA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 2019
ANO XXII
NÚMERO 8.368

R\$
1,50

JOGO / EXTRA

VARleu, Mengão!

► Com a ajuda do árbitro de vídeo, que validou lance de Gabigol, Fla arrancou empate com o Corinthians no fim do jogo e se manteve em terceiro, com 21 pontos, cinco atrás dos líderes Palmeiras e Santos.



UM EXPULSO DE CADA LADO

Botafogo toma um goloço e perde para o Peixe dentro de casa

COMPRE O
EXTRA
PARA CURTIR O
Rock in Rio

140 TRANSPORTES
IDA E VOLTA

Rock in Rio
PRIMEIRA CLASSE

280 INGRESSOS

CADASTRE O CÓDIGO DA PÁGINA 2 E PARTICIPE

A INVASÃO

Policia! ganha carro de luxo ao entregar traficante a milicianos

No segundo capítulo da série, EXTRA revela que o esquema batizado como 'venda de cabeças' rende prêmios a colaboradores do grupo paramilitar de Itaboraí. **PÁGINA 3**

Predador e Alien 'atacam' no Rio



► Mochileiros peruanos que vieram para a cidade assistir aos jogos da Copa América decidiram ficar um pouco mais. Para ganhar dinheiro, circulam caracterizados por Copacabana e posam para fotos. Cada clique custa R\$ 5. **PÁGINA 6**

Moradora de Manguinhos pode perder guarda do filho por viver em local violento

► Juiz determina que a cidade do Rio é "sementeira de crimes, ha-deve ficar com o pai, em Santa Catarina, porque de morrer". **PÁGINA 5**

O PRESENTE DO SEU PAI SAIU NA 1ª PÁGINA!

Compre o EXTRA e concorra a 5 Notebooks Samsung

PROMOÇÃO
EXTRA
SORTEIO
Dia dos Pais

Recorte seu cupom na página 2

Deputado do PSL está na mira de bandidos
EXTRA, EXTRA!, PÁGINA 8

Sogra reclama de Flordelis e pede justiça

PÁGINA 4

Rio de Prêmios

Só no EXTRA você tem o resultado oficial e completo

Confira na página 2

Pagamento do PIS/Pasep será antecipado

Abono começa a ser liberado hoje. Veja os calendários e quem tem direito a receber. **PÁGINA 13**

A INVASÃO

TEXTO Rafael Soares **EDIÇÃO** Giampaolo Morgado Braga **DESIGN** William Batista

PM ganhou até carro da milícia por entregar traficantes presos para paramilitares

Policiais do batalhão de Itaboraí, na Região Metropolitana do Rio, ganhavam presentes da milícia que domina a cidade por entregar traficantes presos aos paramilitares. Em depoimentos prestados à Delegacia de Homicídios de Niterói e São Gonçalo (DHNSG), milicianos presos descreveram em detalhes a prática, batizada pelo bando de “venda de cabeças”. Após capturar suspeitos em operações da PM, os policiais levavam os detidos para os milicianos, que matavam os presos e enterravam os corpos em cemitérios clandestinos. Em troca, os agentes recebiam um “agrado” dos paramilitares. No segundo capítulo da série “A invasão”, o EXTRA revela que um soldado lotado no 35º BPM chegou a ganhar um carro de luxo da milícia.

Após serem presos, no decorrer da investigação, dois integrantes do bando resolveram colaborar com a polícia e com o Ministério Público. Jameli Alves de Castro e Celso de Souza prestaram depoimentos na sede do Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco) do MP em 24 e 25 de junho. Jameli, que foi preso em flagrante em fevereiro com uma pistola com a numeração raspada, apontou o nome completo de um PM do batalhão que vendia presos para a milícia. No depoimento, ele afirma que já viu o soldado — que ingressou na PM em 2013 — vendendo dois presos a comparsas.

O miliciano conseguiu até identificar um dos detidos que foi capturado pelo policial e entregue ao bando: Douglas Lino Neves, que foi encontrado morto dias depois. Jameli deixou claro que “o PM tinha conhecimento de que a milícia mataria os ‘vagabundos’ que ele levasse”. Pela “venda”, o soldado recebeu “um veículo BMW branco como pagamento”, afirmou o miliciano em depoimento.

Já Celso de Souza revelou que um outro soldado do 35º BPM chamava milicianos para operações conjuntas em áreas dominadas pelo tráfico. Nessas ações — chamadas de “botes” pelo bando — o objetivo era matar traficantes para roubar dinheiro, armas, joias, relógios e o que mais a quadrilha encontrasse. Numa ocasião, o “bote” rendeu aos milicianos duas gaiolas com passarinhos — um coleirinho e um trinca-ferro. Em outra, os participantes usaram uma viatura do batalhão. O espólio era dividido entre os envolvidos. O PM costumava ficar com as pistolas roubadas. Os dois policiais identificados pelos milicianos são alvo da nova investigação aberta pela Polícia Civil contra a milícia.

OS PRÊMIOS DA MILÍCIA



Entrada do batalhão de Itaboraí: investigação mostrou que PMs da unidade dividiam com milicianos bens apreendidos em operações

BOTES

**Numa ação
contra traficantes,
milicianos
tomaram gaiolas
com passarinhos**

CEMITÉRIOS

Os corpos dos traficantes vendidos pelos PMs estão sendo encontrados agora

DESAPARECIDOS DISPARAM

► Sob o domínio da milícia, a criminalidade explodiu em Itaboraí. Mesmo tentando ocultar — com o auxílio de PMs — os assassinatos que cometeria, o grupo paramilitar fez homicídios dolosos e desaparecimentos dispararem no município. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), houve um aumento de 113% no número de pessoas desaparecidas de 2017 para 2018, quando a milícia passou a atuar na região. Já os homicídios cresceram de 95 em 2017 para 131 — um incremento de 37%.

A investigação da Polícia Civil concluiu que, em 2018, “começaram as ondas de mortes e desaparecimentos de indivíduos rotulados pelos milicianos como marginais, usuários de drogas ou até mesmo meros desocupados, sob o pretexto recorrente de que estariam realizando uma ‘limpeza da escória social’”, conforme

eles mesmos chamavam. Ao longo do último um ano e meio, os milicianos chegaram a matar parentes de traficantes e até pessoas que praticavam pequenos furtos.

Apesar da dita “limpeza” de criminosos e do pagamento das taxas de segurança pelos moradores, Itaboraí não ficou mais segura. Os roubos de cargas, por exemplo, dispararam: passaram de 126 em 2017 para 296 no ano seguinte, 136% de aumento. Já os roubos de carros cresceram 9%, de 966 para 1.217.

Na contramão, as prisões pelo crime de tráfico de drogas na área sob influência do grupo minguaram. Um levantamento feito pela DH mostra que as prisões de traficantes nos sete bairros dominados pela milícia passaram de nove em 2017 para três em 2018. Em 2019, ainda não houve detenção por tráfico de drogas na região. ▲

VENDA DE TRAFICANTE

SECRETARIA DE POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 DGHP - DEPARTAMENTO GERAL DE HOMICÍDIOS E PROTEÇÃO À PESSOA
 DELEGACIA DE HOMICÍDIOS DE NITERÓI/SÃO
 GONÇALO/ITABORAÍ - DHNSG

EXMO. SR. DR. JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DE ITABORAÍ.
Ref. 951-00845/2018

O mesmo ainda foi apontado pelos indiciados CELSO "BARBA" e JAMELI como integrante da milícia, relatando inclusive "que o policial militar [REDACTED] (DE COR BRANCA, OLHOS AZUIS, CARECA E COM TATUAGENS NO CORPO) participava da milícia "prendendo" vagabundos e "venda" para a milícia. Tal prática era chamada de "vender a cabeça". Em troca disso o [REDACTED] ganhava dinheiro.

O CRIME EM NÚMEROS

Com a invasão da milícia, no início de 2018, índices de criminalidade dispararam em Itaboraí.

FONTE: INSTITUTO DE
SEGURANÇA PÚBLICA (ISP)

Crimes

Evento	2017	2018
Roubos de carga	126	296
Desaparecimentos	52	111
Homicídios	95	131
Ocorrências de tráfico	325	319

Aumento
percentual (%)

134,9

113,5

37,9

-1,8

AMANHÃ: MÃES DE DESAPARECIDOS PELA MILÍCIA BUSCAM OS CORPOS DOS FILHOS

A INVASÃO

TEXTO Rafael Soares EDIÇÃO Giampaolo Morgado Braga DESIGN William Batista

OS DESAPARECIDOS DA MILÍCIA

A luta das famílias de vítimas dos paramilitares para encontrar os corpos

Em 20h30 de 22 de março deste ano, uma sexta-feira, e Marcos Antônio do Amparo Vieira, de 16 anos, estava sozinho em casa, no bairro Caluge, em Itaboraí, Região Metropolitana do Rio. Sua mãe havia saído para uma festa. Ele ouviu batidas na porta da frente e foi atender. No momento em que o adolescente abriu a porta, um homem vestido de preto e com o rosto coberto por uma touca deu um tiro com uma pistola em seu braço. Uma poça de sangue se formou na sala. Marcos Antônio foi amarrado e colocado por outros dois homens, também encapuzados, no banco de trás de um carro preto. O veículo partiu em velocidade. O jovem nunca mais foi visto.

A cena foi descrita por vizinhos e parentes do jovem que, nos últimos quatro meses, peregrinaram, sem sucesso, por delegacias e pelo Instituto Médico-Legal (IML) atrás de respostas sobre seu paradeiro. Num depoimento prestado à Polícia Civil e ao Ministério Público, um miliciano preso, que aceitou colaborar com as investigações, admitiu que o adolescente foi torturado antes de ser morto pelos paramilitares. Entretanto, até agora nenhum dos corpos encontrados pela Divisão de Homicídios (DH) em cemitérios clandestinos da milícia foi identificado como sendo o de Marcos Antônio. No segundo capítulo da série de reportagens “A invasão”, o EXTRA mostra a luta das famílias de vítimas da milícia de Itaboraí para poder encontrar os cadáveres de seus parentes.

— Só não queria que ele acabasse enterrado como indigente. Ele não queria saber de estudar, diziam que estava no tráfico. Mas ele tem família, queríamos nos despedir — contou um parente do jovem, que pediu para não ser identificado.

A Divisão de Homicídios (DH) levantou 24 casos de desaparecimentos de jovens na área dominada pela milícia que ainda não foram desvendados. No entanto, de acordo com policiais da especializada, o número é maior, já que muitas famílias não procuraram a polícia para registrar o desaparecimento por medo de represálias dos paramilitares. Milicianos presos afirmaram, em depoimento, que o bando passou a enterrar corpos das vítimas em cemitérios clandestinos nos bairros Itamarati e Visconde para ocultar os crimes. Dois locais foram apontados, durante os relatos, como pontos de desova. Dos 18 corpos encontrados até agora, só três puderam ser identificados por parentes, por conta da presença de tatuagens.

TATUAGENS

Três corpos foram identificados pelos parentes graças aos desenhos na pele



DIVULGAÇÃO/POLÍCIA CIVIL



FABIO GUIMARÃES

BUSCA
Policial no cemitério clandestino da milícia e o túmulo de uma das vítimas

‘SÓ QUERÍAMOS ENTERRAR’

DEPOIMENTO

X.
Parente de Marcos Antônio do Amparo Vieira

Ele estava sozinho em casa. Tudo o que sabemos foi o que os vizinhos contaram. Os milicianos já tinham capturado dois amigos dele mais cedo, ele foi o terceiro. Todos os três foram mortos. Me disseram que ele estava no tráfico, mas não sei dizer

com certeza. Sei que ele não gostava de estudar, não queria ir pra escola. Quando chegamos na casa, havia uma poça de sangue na sala e tudo estava revirado. Roubaram um aparelho de televisão, frascos de perfume e até pares de tênis. Fizemos um registro de ocorrência na 71ª DP (Itaboraí) e começamos uma campanha na internet por informações. Quando vi-

mos a notícia sobre os corpos encontrados pela polícia, fomos ao IML. Tinha uma fila de parentes de outras vítimas quando eu cheguei. Disseram que não dá para identificar porque os cadáveres estão em decomposição. Nós só queríamos enterrar o corpo.

EXECUTADO COM UM MACHADO

▶ O mototaxista Jonathas Freitas de Mendonça, de 19 anos, desapareceu em 5 de abril depois de ser perseguido no bairro Nova Cidade por homens num carro preto. Testemunhas contaram a parentes do jovem que, durante a fuga, ele foi baleado e caiu da moto. Ao tentar se esconder numa casa, foi capturado e colocado no porta-malas do veículo.

Semanas antes da perseguição, Jonathas denunciou, à DH, ameaças que mototaxistas de Itaboraí sofriam por não pagar taxas estipuladas pela milícia — o bando cobrava R\$ 20 semanais de cada profissional para que pudessem circular pela cidade.

Em 12 de junho, um depoimento de dez páginas prestado por um miliciano preso no Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco) do MP detalhou o suplício a que foi submetido o mototaxista: Jonathas foi “picotado, vivo, com um machado” e teve seu coração arrancado.

Com medo, parentes de Jonathas não quiseram falar com o EXTRA. Seu corpo até hoje não foi encontrado. Funcionários do IML de São Gonçalo contam que diariamente parentes de mortos pela milícia vão à unidade tentar identificar cadáveres encontrados em Itaboraí. Como a maior parte dos corpos está em decomposição, a identificação só vai ser possível a partir de exames de DNA — cujos resultados não têm prazo para sair. Até o fim desta semana, 15 cadáveres de vítimas sem identificação serão enterrados como indigentes. ▶



MARCOS ANTÔNIO DO AMPARO VIEIRA, 16 ANOS

O jovem foi levado por homens encapuzados de dentro de sua casa na noite de 22 de março e, desde então, não foi mais visto.



BRUNO FONTE DA SILVA, 28 ANOS

O motorista de van desapareceu em 18 de janeiro após sair para trabalhar. Seu corpo foi encontrado dez dias depois, carbonizado dentro de sua van.



JONATHAS FREITAS DE MENDONÇA, 19 ANOS

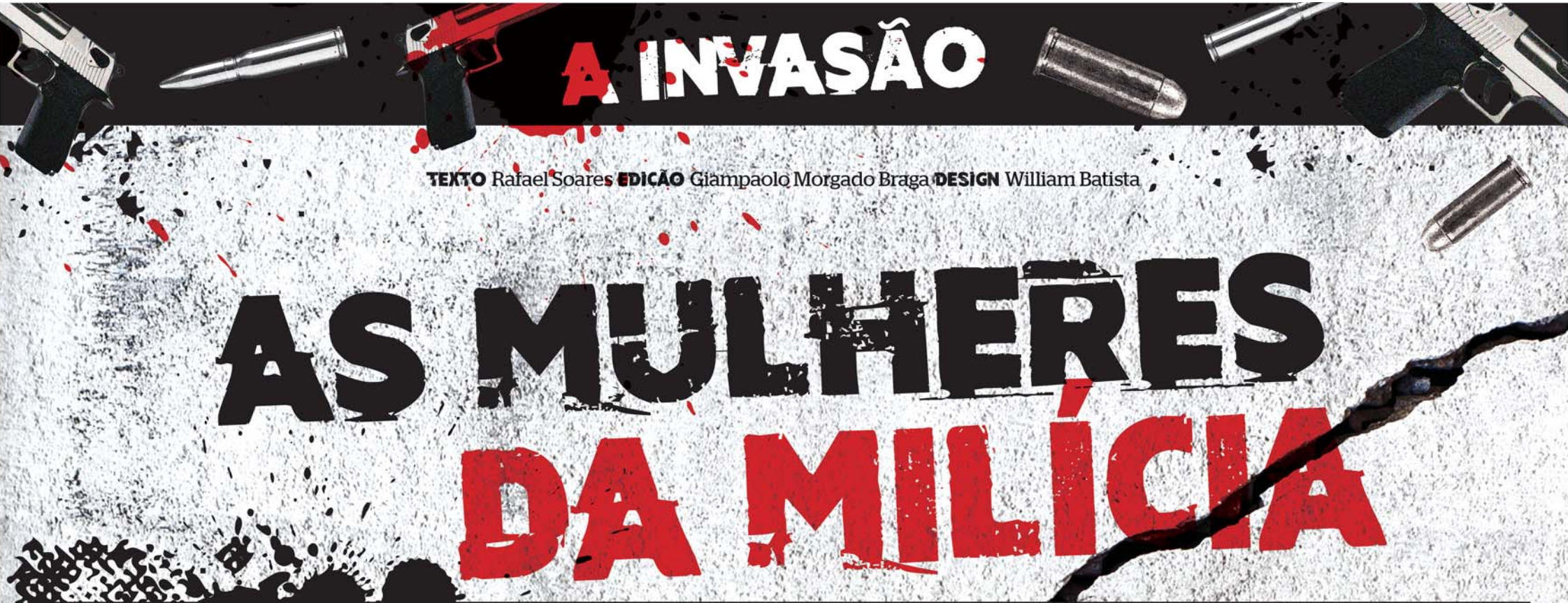
O mototaxista está desaparecido desde abril. Milicianos já assumiram à polícia que executaram o jovem e o enterraram num cemitério clandestino.



LUIZ RICARDO DA SILVA FERREIRA, 32 ANOS

O homem estava desaparecido desde março. Seu corpo foi um dos três identificados por parentes, na semana passada, entre os 18 encontrados pela polícia num cemitério clandestino.

AMANHÃ: MILÍCIA USAVA MULHERES PARA COBRAR TAXAS E ESCONDER DINHEIRO DA QUADRILHA



TEXTO Rafael Soares EDIÇÃO Giampaolo Morgado Braga DESIGN William Batista

Como agia o braço da quadrilha responsável por cobrar e ameaçar moradores

Na manhã de 5 de fevereiro deste ano, agentes da Corregedoria da PM receberam uma denúncia anônima de que milicianos estariam extorquindo moradores no bairro Porto das Caixas, em Itaboraí, na Região Metropolitana do Rio. Os policiais chegaram rapidamente ao local e se surpreenderam ao flagrar três mulheres fazendo a cobrança da “taxa de segurança” estipulada pela milícia que domina a região. Mais afastado, um homem armado com uma pistola

agia como guarda-costas do trio. Os quatro foram presos em flagrante. Com Jeiciane Ribeiro da Silva, Francine Lima da Silva e Silva, Marcelle Gomes da Silva e Luiz Eduardo Pereira, os policiais apreenderam R\$ 641 em espécie, três celulares e um caderno. Nas folhas, anotações escritas à mão listavam endereços, nomes dos moradores, valores pagos e, por vezes, comentários dos cobradores: “acamado”, “casa vazia”, “sempre se esconde”. As prisões descortinaram uma estratégia da milícia para angariar a simpatia da

população do município e, ao mesmo tempo, despistar possíveis investigações: o uso de mulheres para cobrar e ameaçar moradores e comerciantes. No terceiro capítulo da série “A invasão”, o EXTRA detalha como funciona o braço financeiro da quadrilha. As apreensões feitas pela Corregedoria possibilitaram à Polícia Civil vasculhar mensagens do bando e escutar, com autorização da Justiça, ligações dos criminosos. Nos diálogos, milicianos revelam que o “recolhe” — como o grupo chamava o montante extor-

quido — era revertido na compra de armas e combustível para as ações do bando e no pagamento dos salários da quadrilha. Segundo a denúncia oferecida à Justiça pelo Ministério Público do Rio — que culminou com a decretação da prisão de mais de 70 milicianos — Rosane Moreira Almeida, a Tia, era a gerente financeira da quadrilha. Outras sete mulheres, responsáveis por percorrer as ruas atrás do recolhe, respondiam diretamente a ela. Além de casas e comércios, mototaxistas, empresas de telefonia e internet e até es-

colas estavam na caixinha da milícia. Por mês, de acordo com o depoimento de um miliciano preso que aceitou colaborar com as investigações, o bando conseguia juntar até R\$ 200 mil somente com as taxas cobradas em dois bairros, Porto das Caixas e Visconde. Uma parte do montante era reservada a milicianos presos: R\$ 15 mil, segundo o colaborador, eram repassados toda semana a Renatinho Nascimento dos Santos, o Renatinho Problema, chefe do grupo. Quem ia a Itaboraí buscar o dinheiro era a mãe do miliciano.

HIERARQUIA DO CRIME



OS CHÉFES

O topo da hierarquia da quadrilha era ocupado por Renatinho Problema até sua prisão, em dezembro do ano passado. Depois, comparsas passaram a disputar o posto

APOIO LOGÍSTICO

MARIA DO SOCORRO DO NASCIMENTO DOS SANTOS, mãe de Renatinho Problema

ELZI MARIA QUINTANILHA, mãe de Claudinho Quintanilha

MARIA APARECIDA PEREIRA, mãe de Du

POLICIAIS MILITARES DO 35º BPM (ITABORAÍ) - faziam operações conjuntas com milicianos em áreas dominadas por traficantes e entregavam criminosos presos para os paramilitares

OS GERENTES

O bando era organizado por setores, que ficavam responsáveis por localidades ou atividades específicas

CARLOS EDUARDO CIRINO SANT'ANNA, o Negão, gerente do bairro Visconde

OSMAR DA SILVA GOMES, "Thirso" - responsável pelas ações armadas

CARLOS ALBERTO DA SILVA PEÇANHA - gerente do bairro Porto das Caixas

ROSANE MOREIRA DA SILVA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA, a Tia - gerente financeira

MATADORES

ANTÔNIO CLÁUDIO QUINTANILHA MEDEIROS

LUIS PAULO SILVA DOS SANTOS

LEONIS LOVIZ DA SILVA, atirador esportivo

CARLOS ALEXANDRE DO NASCIMENTO, o Chaminho

O 'RECOLHE'

LORRAINE DA SILVA MORAIS

AMANDA PEREIRA RODRIGUES

LUANY MILLENA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA

ROSELAINE MOREIRA DA SILVA DA CONCEIÇÃO

JEICIANE RIBEIRO DA SILVA

FRANCINE LIMA DA SILVA E SILVA

MARCELLE GOMES DA SILVA

JOSÉ ALFREDO BARDASSON MARQUES, o Alfreddinho Pai de Santo

LUIZ EDUARDO PEREIRA, o Du

MÃE É MÃE

Quem buscava o dinheiro de Renatinho Problema era sua mãe, Maria do Socorro

TORTURA COMO PUNIÇÃO

▶ Para punir moradores que eram considerados ameaças — e passar uma mensagem ao resto da população — a milícia de Itaboraí recorria a sessões públicas de tortura. Numa delas, em outubro de 2018, uma mulher grávida de dois meses perdeu o bebê. Na ocasião, um casal foi espancado na frente das duas filhas porque milicianos suspeitavam que eles passavam informações do ban-

do para traficantes. As vítimas tiveram que fugir do município após o crime e procuraram a Polícia Civil. Em depoimento, contaram que os milicianos chegaram por volta das 23h à casa do casal e os obrigaram a sair do imóvel. Alguns vestiam capuzes. As vítimas foram algemadas e, em seguida, começaram o espancamento. A mulher foi atingida por chutes na barriga. Já o ho-

mem teve um cano de pistola colocado na boca e foi agredido com um taco de sinuca. Depois das agressões, um dos milicianos obrigou o casal a se ajoelhar no chão e urinou no rosto dos dois. Por fim, eles foram obrigados a deixar a casa só com a roupa do corpo. O imóvel passou a ser ocupado pelo bando. Atualmente, nove milicianos respondem na Justiça pela sessão de tortura.

DETALHES DA INVESTIGAÇÃO

CONVERSA COM MÃE
Numa das ligações interceptadas pela polícia, um filho de Rosane Moreira Almeida, a gerente financeira da quadrilha, pede a mãe para “abandonar o plantão”. O jovem estava atuando como segurança da quadrilha, patrulhando armado um ponto determinado, mas pediu para voltar para casa: “Aqui tá brabão”, disse ele. “Você acha que ser da milícia é colocar a arma na

cintura?”, respondeu Rosane, antes de mandar o filho voltar para casa.
COBRANÇA À ESCOLA
A diretora de uma escola no bairro chegou a barganhar um desconto da “taxa de segurança” com milicianos. Numa ligação com um integrante do bando, que cita “benefícios” trazidos pela quadrilha, a mulher diz que não pode pagar R\$ 300 por semana. Por fim, o miliciano concorda em cobrar R\$ 720 por mês.

AMANHÃ: MILÍCIA FEZ ACORDO COM TRAFICANTES DE FAVELA EM ITABORAÍ

A INVASÃO

TEXTO Rafael Soares EDIÇÃO Giampaolo Morgado Braga DESIGN William Batista

Advogada negociou trégua entre paramilitares e traficantes da Reta Velha

Em dez de abril deste ano, Tânia Monique Faial Correa entrou no bairro Visconde, base da milícia que domina Itaboraí, na Região Metropolitana do Rio. Tânia — que contava com a companhia de um policial militar do batalhão da cidade para circular pela região — é advogada de Lindomar de Oliveira Brant, o Dodô, chefe do tráfico da Reta Velha, maior favela do município. Ela tinha um encontro marcado com integrantes do grupo paramilitar. Na mesa, o equilíbrio de forças entre as duas maiores quadrilhas que dividem a cidade.

A advogada informou aos milicianos que a execução de um de seus comparsas não havia sido obra do tráfico e, então, propôs uma trégua entre a milícia e o tráfico. Os paramilitares não deveriam mais tentar invadir a Reta Velha. Em troca, a advogada passaria a trabalhar também para o bando, pois teria “muita influência na polícia” e poderia informar a milícia sobre investigações em andamento. A cena foi descrita em detalhes à Polícia Civil e ao Ministério Público por dois integrantes do grupo que, após serem presos, resolveram colaborar com a investigação. No último capítulo da série “A invasão”, o EXTRA mostra os acordos feitos pela milícia para manter Itaboraí sob seu domínio.

Ao fim da reunião, os presentes trocaram números de celular. A milícia não promoveu mais invasões à Reta Velha. Com base nos relatos dos milicianos, Tânia foi presa no último dia 4. Ela e o marido, Mayson César Fidélis Santana, foram denunciados pelo Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco) do MP à Justiça por participarem da milícia. Santana, segundo a investigação, era a fonte de informação da mulher na Polícia Civil: mesmo não sendo policial, ele se identificava como tal e dizia, em ligações interceptadas com autorização da Justiça, que já havia trabalhado na delegacia de Itaboraí, a 71ª DP. Ao longo do período em que teve suas ligações gravadas, Santana dizia a seus interlocutores que circulava por várias delegacias e tinha acesso a diversos agentes e delegados.

OPM que acompanhava a advogada em sua incursão rumo ao bairro dominado pela milícia também foi identificado: era o cabo Thalisson Gomes de Oliveira, amigo de infância da mulher. Como o EXTRA mostrou no primeiro capítulo da série, Thalisson está preso por participar, junto com milicianos, da maior chacina da história da cidade, em janeiro deste ano.

INFORMAÇÃO PRIVILEGIADA

Tânia se ofereceu para passar aos milicianos informações sobre ações da polícia

OS ACORDOS DA MILÍCIA

A principal entrada da Reta Velha: domínio do tráfico com aval da milícia



POLICIAL FAKE

O marido da advogada se apresentava como ex-agente da delegacia de Itaboraí

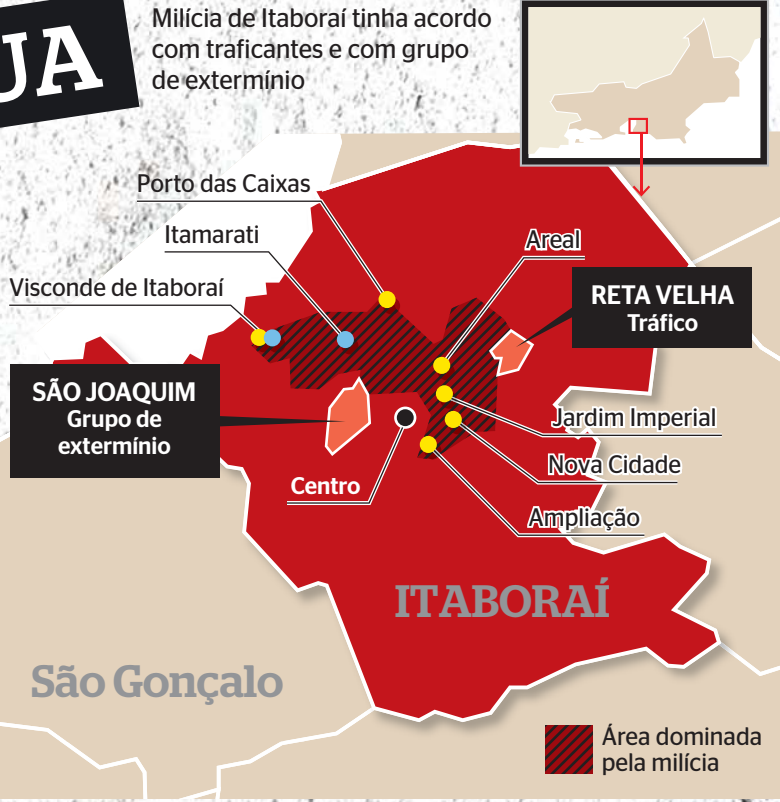
A TRÉGUA

A milícia e o grupo, comandando por um policial civil, convivem pacificamente. Há até empréstimo de armas entre integrantes das quadrilhas



A advogada Tânia Monique Faial Correa (foto) intermediou uma trégua entre os grupos

Milícia de Itaboraí tinha acordo com traficantes e com grupo de extermínio



PACTO COM GRUPO DE EXTERMÍNIO

Além de fechar acordo com o tráfico, a milícia fez um pacto de não agressão com um grupo de extermínio para manter Itaboraí sob seu domínio. O bando atua no bairro de São Joaquim, é comandado por um policial civil e é citado em depoimentos de testemunhas à Polícia Civil. Lá, não há pagamento de taxas de segurança, mas traficantes e ladrões que tentam se esta-

belecer são assassinados pelo “carro da linguixa”, como o grupo se autodenomina. A milícia não entra em São Joaquim. Já os integrantes do grupo de extermínio ajudam os paramilitares: uma testemunha cita o empréstimo de armas a milicianos. Depoimentos de paramilitares presos também revelam que o bando comprava a cumplicidade da polícia. A 71ª DP,

por exemplo, recebia “arrego” semanal de R\$ 3 mil. O pagamento era feito num restaurante no Centro do município. Já para policiais do 35º BPM (Itaboraí) a propina era menor: R\$ 1.500 por semana. Uma nova fase da investigação da DH busca identificar os policiais envolvidos. PMs do batalhão também são investigados por participar de um esquema de reven-

da de carros clonados, denunciado pelos colaboradores. Milicianos atraíam pessoas que anunciavam, na internet, carros roubados. Os policiais eram acionados e roubavam os veículos, argumentando que o vendedor seria levado à delegacia se resistisse. Os veículos eram repassados aos paramilitares, que os vendiam. O dinheiro, então, era repartido entre os envolvidos.